

Espero Tua (Re)volta: documentário explora movimento estudantil entre 2013 e 2018 sob os olhos da juventude

Espero Tua (Re)volta.

Filme documentário, Direção: Eliza Capai, São Paulo, Brasil (2019), 90 minutos.

Juliana Varella¹

Uma voz adolescente testa o microfone, depois emenda uma canção improvisada. Outra a interrompe, reclama, brinca, e logo três delas estão discutindo “qual será o tema de hoje” e “se alguém quer um café”. Todo esse diálogo acontece ainda durante os créditos, sem imagens, mas o quadro encenado é familiar o suficiente para que o público-alvo de *Espero Tua (Re)volta* – jovens de 14 a 18 anos – o reconheça: é uma sala de aula e os alunos se preparam para assistir a um filme, o que todo estudante reconhece como uma não-aula, um convite ao cochilo na velha carteira rabiscada. A ironia é que, neste caso, são os próprios alunos que darão a aula-cinema, narrando e comentando as cenas do documentário que está prestes a iniciar.

A proximidade dessa experiência com o cinema antropológico, e daí seu interesse para as ciências sociais, é evidente. Se Jean Rouch, cineasta e antropólogo francês, descrevia sua arte como “escrever com os olhos de alguém, com os ouvidos de alguém, com o corpo de alguém” (apud HIKIJI, 2013), Capai segue seus passos e escreve seu documentário com o olhar desses garotos, seus ouvidos e corpos – corpos jovens ocupando espaços tradicionais de socialização (a escola, a rua) de forma crítica e reflexiva. Seu trabalho também pode ser lido pela perspectiva da brasileira Rose Satiko Hikiji, que descreve os filmes antropológicos como dotados de uma câmera “olho-ouvido”, e comandados por sujeitos que, com a ajuda da tecnologia, deixam o lugar de objeto para ocupar o espaço de pesquisador, olhando para si mesmos e construindo suas próprias imagens e sons (HIKIJ, 2013).

¹ Mestranda no programa de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), com pesquisa na área de ficção científica na literatura e no audiovisual, com ênfase em distopias e espaços narrativos. Beneficiária de bolsa CAPES-PROEX. Formada em Comunicação Social - Jornalismo pela ECA-USP e com pós-graduação em Jornalismo Cultural pela FAAP (SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6714-6483>. E-mail: juliana.varella@gmail.com.

Desde a inusitada introdução, o longa-metragem de Eliza Capai, lançado em 2019 durante o Festival de Berlim (e lá premiado com o Prêmio da Paz e o Prêmio Anistia Internacional), expressa na forma o que quer dizer com o conteúdo: que este é um filme por adolescentes, sobre adolescentes, para adolescentes e adultos que talvez nunca tenham parado para ouvir essa juventude. Aqui, Capai faz uma brincadeira com o provável futuro da obra: seu desejo, como revelou em entrevista (VARELLA, 2019) às vésperas da estreia, era mesmo que o documentário fosse exibido em escolas, aproveitando sua linguagem acessível para trabalhar questões de cidadania e consciência política com os estudantes (numa autêntica experiência antropológica compartilhada). E, como a temática do filme é a voz e o levante desses jovens, é justo que ela lhes dê o microfone para contar essa história à sua maneira – que é em turnos de cinco minutos por narrador, democraticamente, como numa assembleia.

Assembleia: reunião de pessoas em formação não-hierárquica, em que cada participante tem a chance de argumentar, questionar ou votar igualmente. É ela que representa esses narradores mais do que a cacofonia que se esperaria de um grupo de secundaristas. Ora, aquela conversa descontraída do início, as risadas e zombarias também fazem parte da vida desses jovens, mas o que o documentário se esforça em mostrar é que eles são capazes de se organizar, de respeitar o espaço um do outro e de justificar seus atos com argumentos concretos e referências históricas. Tudo isso apesar das condições precárias da educação pública pela qual eles lutam.

Espero Tua (Re)volta gira em torno disso: da educação, da juventude e dos confrontos travados entre essa molecada e diferentes governos para assegurar seu acesso a direitos básicos, incluindo à própria escola. A produção acompanha o movimento estudantil na cidade de São Paulo entre 2013 e 2018, período de intensa agitação política no país², que começa com protestos contra o aumento das passagens de ônibus naquele primeiro ano. A mobilização acaba representando, para uns, a primeira experiência real com uma manifestação e, para outros, uma inspiração e um despertar. Depois de 2013, a narrativa focaliza as ocupações em escolas públicas organizadas por estudantes em 2015³ – uma reação em cadeia que acaba unindo discentes de todo o estado contra a decisão do governo paulista de fechar parte da rede para uma “reestruturação”, realocando alunos sem consulta prévia

² Em 2013, o Brasil foi marcado por uma movimentação popular massiva que ficaria conhecida como as “Jornadas de Junho”. Esses protestos, que chegaram a levar entre 1 e 1,5 milhão de pessoas às ruas no dia 20 de junho (segundo a imprensa oficial), tiveram como estopim tanto o aumento de passagens de ônibus em diversas cidades quanto a descoberta de superfaturamento em estádios que vinham sendo construídos para a Copa do Mundo de 2014, o que levou ao questionamento das condições precárias da saúde e da educação públicas e à adoção do slogan “Não vai ter Copa”. Entretanto, o movimento logo se descolou dessas pautas e abraçou outras bandeiras, rejeitando uma liderança central e expressando uma insatisfação coletiva com a política e com os partidos tradicionais, como PT e PSDB. Essas mobilizações enfraqueceram o governo de Dilma Rousseff, do PT, que foi afastada do cargo em 2016. (Fontes: Linha do tempo das Manifestações de 2013, G1; ODILLA, 2018).

³ Nesse ano, o governo de São Paulo, liderado por Geraldo Alckmin (PSDB), anunciou uma reestruturação do sistema escolar público que envolvia o fechamento de escolas e a realocação de alunos para outras unidades remanescentes, o que gerou o temor de que estudantes de uma mesma família fossem separados e de que essas unidades ficassem superlotadas. Como reação, cerca de 200 escolas estaduais paulistas foram ocupadas por estudantes entre outubro e dezembro de 2015. (ROSSI, 2015)

às famílias. A crise se repete em 2016 com um escândalo envolvendo fraude na compra de merendas escolares e, enfim, o clima azeda com o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff naquele ano. O longa termina numa nota amarga com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, declarando guerra a “todo o ativismo no Brasil”.

Quem conduz a narrativa é o trio do início: Lucas “Koka”, um poeta que já esteve ligado a entidades estudantis, e que hoje protesta de forma autônoma; Nayara, uma jovem que ocupa um papel de liderança na União Nacional dos Estudantes; e Marcela, uma estudante negra que é a primeira de sua família a concluir o ensino médio e participa dos protestos sem ligação com partidos ou entidades. O trio, tão diverso em cor, gênero e sexualidade como em posições políticas, ajuda a entender o movimento desse período como um fenômeno ao mesmo tempo múltiplo em sua formação, incorporando métodos e visões divergentes, e homogêneo em suas reivindicações.

Afinal, lutar pelo direito à escola pública e ao transporte acessível, como nos mostram esses garotos, não é tão diferente de lutar contra o machismo, o racismo, a intolerância religiosa e a desigualdade social que os envolvem todos os dias. E é quando essas crianças⁴ se reúnem, criando pequenas comunidades autônomas dentro das escolas ocupadas, que elas percebem como todas essas questões estão conectadas – numa grande tomada de consciência política, social e identitária.

Um dos méritos do filme, além da linguagem ágil e descomplicada, é a humanização desses personagens para além dos rótulos de “heróis” ou “vilões”. Lucas, Nayara e Marcela, sob a lente de Capai, não são nem “o futuro do país” nem “os maconheiros que não querem estudar”⁵, mas apenas adolescentes que, após terem contato com outras mobilizações (seja pela televisão, seja dentro das escolas), descobriram que tinham o direito e os meios de exigir mudanças nas políticas públicas que os impactavam diretamente – do transporte à educação – e, naturalmente, se encantaram com a possibilidade. Ao mesmo tempo, por mais idealistas que possam parecer, o relato nos mostra que esses ativistas também são afetados emocionalmente pela violência policial, pela falta de apoio da sociedade e pela falta de perspectivas de que se estabeleça um diálogo permanente com as autoridades políticas, algo que tornaria sua luta mais eficiente.

Não é por acaso que uma das primeiras frases que introduzem o filme é “Bem-vindos a *Espero Tua (Re)volta*”. É uma recepção, uma promessa de acolhimento e diálogo: como aquele que eles viveram nos espaços ocupados, em sua breve utopia, quando se sentiram respeitados e ouvidos por seus pares. É isso que eles desejam e lhes é negado.

⁴ “Crianças”, aqui, ganha um sentido simbólico associado à inocência e ao processo de amadurecimento pelo qual passam esses jovens por meio do ativismo. O filme se utiliza desse termo para ressaltar o abismo que existe, nesse momento, entre os adolescentes sonhadores e os adultos, já adaptados à realidade que os jovens tentam mudar, com quem eles devem negociar ou com quem entram em direto confronto ao longo dessa trajetória de cinco anos. Diante da violência policial, a câmera flagra civis indignados gritando: “São crianças! Vocês estão batendo em crianças”.

⁵ Classificações mencionadas no documentário como os estereótipos mais comuns associados à juventude ativista.

A luta, é bem verdade, tem seus momentos vitoriosos – o governo paulista recua, naquele momento, tanto em relação à passagem quanto ao fechamento das escolas. Mas o recuo, como mostram os minutos finais do filme, não vem acompanhado de um aumento da participação popular (muito menos juvenil) em quaisquer decisões públicas, o que faz com que aquelas conquistas pareçam pequenas e insuficientes. Para aumentar o sentimento de angústia, as imagens dão a impressão de que, a cada manifestação, a reação policial torna-se mais truculenta, as negociações menos possíveis, a mudança menos palpável. Daí o sentido do título: um chamado à ação para as próximas gerações. Talvez o registro daquele movimento em particular só se complete no momento em que inspira o próximo, que enche de rebeldia e coragem o jovem que cursa o Ensino Médio agora, após 2018. Se o autor russo Yevgeny Zamyatin escreveu em 1924 que “não existe revolução final”, parece ser essa a mensagem que Capai nos passa: sempre haverá espaço para mudança, para debate, para resistência. E, enquanto houver juventude, é preciso que haja revolta.

REFERÊNCIAS

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Rouch compartilhado: premonições e provocações para uma antropologia contemporânea. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.14, n.32, p.113-122, jan./jun. 2013.

LINHA do tempo das manifestações de 2013. Infográfico. *Portal G1*, s/d. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>. Consultado em: 17 nov. 2020.

ODILLA, Fernanda. 5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013? Londres: *BBC News Brasil*, 09 jun. 2018. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>. Consultado em: 17 nov. 2020.

ROSSI, Marina. Ocupação de 182 escolas em SP vira teste de resistência de Alckmin. *El País online*. 28 nov. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/27/politica/1448630770_932542.html. Consultado em: 17 nov. 2020.

VARELLA, Juliana. ‘Reprimida, a cultura produz mais’, provoca brasileira com filme em Berlim. *Veja online*. 09 fev. 2019. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/cultura/reprimida-a-cultura-produz-mais-provoca-brasileira-com-filme-em-berlim/>. Consultado em: 17 nov. 2020.

Recebido em 18/11/2020 – Aprovado em 26/11/2020